

Formas de viver e sentir a cidade: a Feira da Glória como um espaço potente na construção de uma “cultura de rua” carioca.¹

Taiany Braga Marfetan

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS-UERJ)

Professora EBTT de Geografia no Colégio Pedro II

Resumo: O presente artigo parte de um recorte da tese em andamento, que trata de analisar algumas feiras livres da cidade do Rio de Janeiro, no intuito de compreender as possibilidades de uso e produção de sociabilidades, assim como de subjetividades presentes no ato de “fazer a feira”. Trago aqui uma análise da Feira da Glória, que se apropria da Avenida Augusto Severo e suas imediações e a transforma num potente espaço relacional da cidade, que extrapola os sentidos comumente dados ao ato de “fazer a feira”. Para tal, lanço mão da etnografia de rua (ROCHA E ECKERT, 2003) a fim de compreender as possibilidades de uso desse espaço ora tornado feira aos domingos como um potente local na produção de uma “cultura de rua” carioca.

Palavras-chave: etnografia de rua; fazer a feira; cultura de rua carioca.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

1. Introdução

O presente artigo apresenta um recorte da tese em andamento, em que trato da relação entre os espaços urbanos ora tornados feiras livres e as relações de sociabilidade desenvolvidas entre feirantes e fregueses, além das experiências vivenciadas pelos habitantes da cidade ao experienciarem a feira livre com seu cenário particular, transformando a rua numa miríade de cheiros, gostos, cores, sons e sensações. Busco compreender como essas relações e experiências moldam a vida urbana numa grande cidade contemporânea, o Rio de Janeiro.

Para tanto, lanço mão da etnografia de rua (ROCHA e ECKERT, 2003) como método de análise, além da descrição de imagens da cidade ora tornada feira. A feira da Glória, bairro situado na região central da cidade do Rio de Janeiro, será o objeto de investigação para esse artigo, e é uma das feiras analisadas na tese.

Essa feira foi escolhida como objeto de análise por apresentar uma característica muito peculiar, além da centralidade, o que a confere uma multiplicidade de atores sociais, mas também por ser híbrida: ela se inicia, nos arredores do bairro da Lapa, como uma feira de antiguidades e “quiquilharias”, uma espécie de “mercado das pulgas”, segue pela Avenida Augusto Severo como uma feira “comum”, a partir da venda de alimentos, para ao longo da via se misturar com artesanatos e roupas, rodas de samba e bares que adentram a feira pela colocação de mesas na via, shows de artistas itinerantes, barracas de brechó, vendas de vinhos, brinquedos, pratos de comida para almoços e até uma estação de drinks no meio do caminho, numa experiência única que será narrada como um grande “passeio” ao longo do texto.

2. Desvendando a poética das ruas a partir da etnografia de rua

A fim de situar o leitor acerca do arcabouço teórico utilizado para a compreensão dos fenômenos que serão aqui descritos, João do Rio, cronista da modernidade e suas nuances na vida social na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, em seu célebre livro intitulado “a alma encantadora das ruas” (1995) afirmou que a rua é um fator de vida das cidades e tem alma. O autor, a fim de captar a “alma” das ruas, destaca:

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo cheio de curiosidades malsãs e os nervos como um perpétuo

desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flanêur*, e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar – é fatigante o exercício? (p. 5)

Seguindo os conselhos de João do Rio, a fim de captar a “alma” das feiras livres cariocas, lanço mão da “etnografia de rua” (ROCHA e ECKERT, 2003). As autoras destacam ser fundamental o deslocamento do pesquisador pelas ruas, e a partir dele, o uso de fotografias como estratégia de apreensão da realidade a ser analisada. Rocha e Eckert (2003), ao discorrer sobre o *flanêur* como um personagem baudelairiano que caminha pelas ruas, apontam:

a cidade do andarilho tem uma história, nem a melhor nem a pior do mundo, simplesmente histórias que configuram referências práticas e simbólicas em que se reconhece ou se constrange nas ruas que perambula, lugares que conhece ou desconhece, espaços que gosta ou desgosta, contextos que lhe atraem ou passam despercebidos. Objetos, eventos não verbais ou verbais, ruídos ou matérias atiram-lhe a atenção sensorial que delinea seu trajeto, seus atos. A cidade acolhe seus passos, e ela passa a existir na existência deste que vive, na instância de seu itinerário, um traçado que encobre um sentido, algo que será desvendado ao seu final. Espaços, cheiros, barulhos, pessoas, objetos e naturezas que o caminhante experiencia em sua itinerância, não sem figuras pré-concebidas. (p. 1)

E assim seguem:

Descrever a cidade, sob um tal ponto de vista, é conhecê-la como *locus* de interações sociais e trajetórias singulares de grupos e/ou indivíduos cujas rotinas estão referidas a uma tradição cultural que as transcende. Conhecer uma cidade é, assim, não só apropriar-se de parte de um conhecimento do mundo, ou seja, os saberes e fazeres dos habitantes e o que conheço desta experiência de pesquisa junto a eles, quanto desvendar o conhecimento na busca de situar meu próprio ser em relação ao ser do outro na cidade. (p. 2)

Rocha e Eckert (2003) apresentam a etnografia de rua como um deslocamento em sua própria cidade e afirmam uma preocupação com a pesquisa antropológica a partir de um paradigma estético na interpretação das figurações da vida social na cidade. Em estudo mais recente, as pesquisadoras (ROCHA e ECKERT, 2013) destacam que o exercício da etnografia de rua inclui a “câmera na mão” do pesquisador em seu deslocamento na própria cidade. Assim, há a “exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas em que o pesquisador está atento às variações das formas de ocupação do espaço, dos jogos de interação social e tensões nos territórios vividos” (p. 23), e seguem afirmando que:

Para se praticar uma boa etnografia de rua, o pesquisador precisa aprender a pertencer a este território como se ele fosse sua morada,

lugar de intimidade e acomodação afetiva, através dos devaneios do repouso. Uma etnografia de rua propõe ao antropólogo o desafio de experimentar a ambiência das cidades como a de uma “morada de ruas” cujos caminhos, ruídos, cheiros e cores a percorrer sugerem direções e sentidos desenhados pelo próprio movimento dos pedestres e dos carros que nos conduzem a certos lugares, cenários, paisagens, em detrimento de outros. (p. 23)

Seguindo essa análise, vale trazer a pesquisa de Vedana (2013), que é uma estudiosa das feiras livres, como exemplo do método de etnografia de rua. No artigo intitulado “Mercados de rua e ambiência de fruição estética: estudo de etnografia de rua”, a autora busca compreender os ritmos e as práticas cotidianas que envolvem os mercados de rua e seu lugar no que tange à configuração de uma “poética urbana” (SANSOT, 1972).

Além disso, a autora se indaga sobre a permanência dessas práticas de mercados de rua no interior das grandes cidades, desenvolve uma análise dos caminhos e itinerários percorridos pelos fregueses nos mercados de rua e busca compreender a escolha de espaços de convivialidade e sociabilidade nas esquinas. Preocupa-se também com a passagem do tempo e sua feição cíclica na produção social das feiras livres urbanas, já que:

As feiras livres e mercados de rua estão envoltos em uma atmosfera peculiar de compartilhamento de sentidos do alimento enquanto imagem do tempo. A forma como são estruturados os espaços da rua para receber bancas de frutas e legumes, a maneira como esses alimentos estão dispostos e ordenados para atrair os fregueses, as sonoridades dos pregões e anúncios de produtos, bem como das conversações, são algumas das “formas expressivas” (DAWSEY, 2000), que compõem a poética do mercado. (VEDANA, 2013, p. 149)

Para tal, Vedana (2013) lança mão da “poética do espaço”, desenvolvida por Bachelard (2000), para analisar as formas diferenciadas impressas nos mercados de rua para expressar as imagens do tempo e os simbolismos do alimento que os veiculam, assim como a partir da representatividade dos espaços na veiculação de formas sociais urbanas (MAFFESOLI, 1994), uma vez que, para o autor, há uma “arquitetura cultural” da cidade, assim como ela também apresenta uma dimensão comunicativa e intersubjetiva. O mercado de rua é, nesse sentido, para Vedana (2013), um arranjo social e coletivo que, ao se estabelecer cotidianamente nas ruas da cidade, coloca em movimento os simbolismos da circulação do alimento, mas não só isso.

A autora destaca que, ao ser o mercado de rua um arranjo social urbano, conforma certas características aos espaços públicos de que se utiliza que os diferenciam

dos demais locais públicos urbanos, e defende que esses locais, densos de simbolismo cultural, possuem uma “ambiência de fruição estética”. Então, “este pertencimento dos mercados a certos territórios da cidade revela dimensões importantes das formas de sociabilidade no cotidiano urbano, bem como da adesão de seus habitantes às ambiências efervescentes dos mercados” (VEDANA, 2013, p. 151).

A “fruição estética” possibilitada pelas experiências sensoriais na feira livre não se desenvolve somente pela paisagem visual. Frias (2020), em sua tese intitulada “arranjos espaciais e sistemas de som: um estudo sobre a feira e a sua paisagem sonora”, fornece subsídios para compreender o espaço público tornada feira livre como uma paisagem sonora, assim, o uso de equipamentos de som, além de fotografias e vídeos, pode contribuir para a análise das feiras livres a partir do método da etnografia de rua.

O autor aponta que a experiência sonora possibilitada pela feira livre a particulariza em relação ao entorno, produzindo uma paisagem sonora própria, como por exemplo, o som da montagem das barracas, conversas de fregueses, pregões de vendas de feirantes, músicas vindas das barracas, tanto para chamar a atenção de fregueses quanto para distrair o próprio feirante em seu trabalho. Todos esses sons são específicos da feira e compõem sua paisagem, assim como colaboram em sua “fruição estética”. Nesse sentido, Frias (2020) apresenta a importância que os aspectos não-visuais também desenvolvem na análise das feiras livres urbanas e na produção de sua paisagem.

As diferentes análises antropológicas possibilitadas pelo estudo das feiras livres urbanas acima apresentadas tornam a cidade familiar (AGIER, 2011), como fazem dos feirantes e fregueses em relação no espaço público tornado feira livre atores do “fazer-cidade” (AGIER, 2015): um movimento permanente que pode nos permitir encontrar alguma coisa da cidade que observamos nas experiências concretas do espaço. Agier (2015) situa que é na relação de construção e desconstrução entre o campo de pesquisa e o objeto de pesquisa que torna possível um olhar antropológico sobre a cidade, e ainda apresenta que é possível “desenhar” uma cidade múltipla, partindo do ponto de vista das práticas, das relações e das palavras dos cidadãos, tais como o próprio pesquisador as observa, coleta e anota, direta e situacionalmente.

Nesse sentido, compreendo a cidade como “palco”, assim como agente, já que, segundo Rocha e Eckert (2003), nas vivências nos espaços da cidade, desenvolvemos experiências pessoais concretas, potentes para a produção de subjetividades assim como

de sociabilidades junto aos atores sociais em seus atos de “fazer-cidade”, me incluindo nessas práticas, uma vez que habito e frequento os mesmos espaços. Torna-se, assim, importante citar Velho (2013) ao trabalhar com antropologia na própria cidade, uma vez que:

O processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico. Em princípio dispomos de mapas mais complexos e cristalizados para nossa vida cotidiana do que em relação a grupos ou sociedades distantes ou afastados. Isso não significa que, mesmo ao nos defrontarmos, como indivíduos e pesquisadores, com grupos e situações aparentemente mais exóticos ou distantes, não estejamos sempre classificando e rotulando de acordo com princípios básicos através dos quais fomos e somos socializados. É provável que exista maior número de dúvidas e hesitações como as de um turista em um país desconhecido, mas os mecanismos classificadores estão sempre operando. (p. 74)

Além disso, sobre o processo de se fazer pesquisa antropológica na própria cidade, Velho (2013) aponta ser positivo o fato de, ao se trabalhar com um grupo que habita e convive os mesmos espaços que o pesquisador e, também, com outros pesquisadores, sua interpretação enquanto antropólogo é constantemente testada, revisada e confrontada, e que isto não se dá com muitos estudos de sociedades exóticas e distantes.

Para corroborar nessa análise e desafio, que é o de se fazer pesquisa antropológica na própria cidade, trarei agora minha experiência enquanto freguesa e frequentadora da Feira da Glória. Partindo da etnografia de rua desse espaço da cidade do Rio de Janeiro a fim de compreender suas possibilidades de “fazer-cidade” (AGIER, 2015), trago alguns resultados do ato de “flanar” por essa feira, apresentando experiências que vão além do ato de “fazer a feira”, propondo que a Feira da Glória é um convite aos sentidos e para a produção de uma “cultura de rua” carioca.

3. A Feira da Glória e seus múltiplos sentidos: da “ambiência de fruição estética” à produção de uma “cultura de rua” carioca

Início meu “passeio” apresentando que adentrar a Feira da Glória é um convite aos sentidos e uma experiência única na cidade do Rio de Janeiro. Além de se situar numa região central da cidade, que apresenta prédios datados de diferentes épocas, sendo alguns inclusive tombados pelo IPHAN², situa-se em uma via arborizada, a Avenida Augusto

² Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Severo, paralela à Praça Paris, construída em 1926 pelo Urbanista Francês Alfred Agache, o que a confere uma estética parisiense e ares aristocráticos para o bairro da Glória, que já foi, ao longo da história da cidade, ora pertencente à região central, como é hoje, ora na zona sul da cidade, a área considerada mais nobre. É, portanto, uma região de transição e disputa simbólica entre gestores urbanos e habitantes do bairro e seu entorno. Analisarei a feira e seus “múltiplos sentidos” a partir de imagens que foram tiradas por mim na feira, no dia 17 de dezembro de 2023.

Imagem 1: “Mar de gente” nos bares situados nas imediações da Feira da Glória.



Fonte: A autora. Fotografia do dia 17 de dezembro de 2023.

A imagem acima apresenta frequentadores da Feira da Glória dispostos em bares nas calçadas da Avenida Augusto Severo, durante o horário do almoço. Nesse espaço, parei e observei a multiplicidade de frequentadores e a sua diversidade, lotando as calçadas da avenida, nos bares dispostos nas imediações da feira. A partir da imagem, é possível notar a importância que o local apresenta para o lazer aos domingos, aonde as pessoas vão, além do simples ato de “fazer a feira”, se encontrar, almoçar e se divertir ao som das atrações musicais que se encontram dispostas ao longo da feira.

Imagem 2: A Feira para além do comércio: possibilidades de lazer.



Fonte: A autora. Fotografia do dia 17 de dezembro de 2023.

Logo à frente, parei numa roda de samba disposta na rua, paralela à calçada dos bares e à feira, fazendo um convite para desfrutar da música e observar os comportamentos dos atores sociais que se encontravam desfrutando da música. A imagem 2 possibilita a compreensão dos “múltiplos sentidos” atribuídos à Feira da Glória. Nela, percebemos, além das barracas de venda de roupas, uma roda de samba, produzindo o que analiso na tese por uma “cultura de rua” carioca, que se relaciona à música e uma forma de viver nos espaços públicos da cidade tornados feira remetendo à boemia a partir dos bares dispostos em calçadas e do consumo de cerveja ao ar livre.

Imagem 3: A roda de samba e suas relações na produção de uma “cultura de rua” carioca.



Fonte: A autora. Fotografia do dia 17 de dezembro de 2023.

Do outro lado da roda, observo como as pessoas se comportam perante o evento, estimuladas pelo som e pela experiência possibilitada pelo arranjo espacial de uma roda de samba posicionada numa feira livre e disposta na rua entre a calçada dos bares e a feira. Na imagem 3, uma senhora participa do samba com seu instrumento, estabelecendo uma comunicação não verbal com o evento.

A Feira da Glória se apresenta como um ponto de encontro para o lazer na rua, em que é possível experienciar o samba, como é possível perceber a partir da imagem 3, e estabelecer experiências sensoriais, produzindo sentidos no ato de viver a cidade do Rio de Janeiro a partir de diferentes usos da feira para além do comércio de alimentos.

Imagem 4: Show de blues e barraca de “drinks” na Feira da Glória.



Fonte: A autora. Fotografia do dia 17 de dezembro de 2023.

Sigo meu “passeio” para além do samba, parando logo à frente, num show de *blues*. A imagem 4 chama a atenção para um exemplo de “cultura de rua” que vai além da roda de samba como possibilidade de experiência musical na Feira da Glória. Nela temos além da performance de *blues*, uma barraca de *drinks*, com mesas e cadeiras para que os frequentadores possam “escolher” o evento que preferem assistir e a experiência da feira que buscam ter, trazendo outra experiência sensorial para além do “samba e cerveja” que descrevi anteriormente, num espaço da feira muito próximo ao que fotografei e descrevi nas imagens 2 e 3. Assim, é possível apreender que a Feira da Glória

se apresenta como uma centralidade urbana no que se refere ao lazer na rua da cidade aos domingos, gerando uma forma de viver a cidade de maneira plural.

Seguindo a análise, para além da música, a Feira da Glória se apresenta como um múltiplo mercado público, tendo em sua “ambiência de fruição estética” (VEDANA, 2013), uma experiência sensorial que vai além das barracas tradicionais de frutas, legumes e verduras que comumente encontramos em feiras livres.

Imagem 5: o vendedor e suas “quinquilharias”.



Fonte: A autora. Fotografia do dia 17 de dezembro de 2023.

Como mencionado no início do artigo, a Feira da Glória se constitui como uma feira “híbrida”, apresentando uma diversidade de vendas de produtos que vão desde alimentos, até as chamadas “quinquilharias”, como é possível observar na imagem 5. Essa parte da feira, que se situa nas proximidades do bairro da Lapa, denomino na minha pesquisa de “*shopping* chão”, por apresentar as mercadorias dispostas em lonas posicionadas no chão da Avenida Augusto Severo.

Imagem 6: vendedores de plantas.



Fonte: A autora. Fotografia do dia 17 de dezembro de 2023.

Me chamou a atenção a diversidade de estímulos sonoros e visuais que o ato de “flanar” pela Feira da Glória possibilita. É possível se surpreender pelo que é vendido ao longo da via, assim como a forma que as mercadorias são apresentadas, e foi o que me chamou a atenção para tirar a fotografia exemplificada pela imagem 6, em que percebemos vendedores de plantas numa bancada móvel disposta no meio da via, entre as barracas do setor de roupas da feira. Essa imagem, assim como a anterior, exemplificam a diversidade presente na Feira da Glória enquanto um mercado público urbano, apresentando uma multiplicidade de usos desse espaço público da cidade do Rio de Janeiro, não somente para a venda de mercadorias, mas também como mostrado anteriormente, para o lazer, a festa e o encontro, transformando a rua ora tornada feira aos domingos num potente espaço para a produção de uma “cultura de rua” carioca.

4. Considerações Finais

Apresento no artigo uma análise do ato de “flanar” pela Feira da Glória, utilizando como método de pesquisa antropológica a etnografia de rua (ROCHA E ECKERT, 2003) e, com uma câmera na mão, registrei, após diversas idas à feira e buscando um estranhamento com um espaço familiar, num desafio de etnografar a cidade onde vivo (VELHO, 2013), narrar experiências possíveis no ato de “fazer a feira” da

Glória que vão além do próprio ato de “fazer a feira”. Nesse sentido, fotografei possibilidades de comércio e lazer na feira que extrapolam os sentidos comumente dados a uma feira livre, mostrando que a Feira da Glória se apresenta como um potente espaço público para a produção de uma “cultura de rua” carioca.

Busco, assim, apresentar a Feira da Glória como um espaço urbano que é palco, mas também agente das relações sociais, uma vez que nessa feira, nesse espaço e não em outros espaços da cidade do Rio de Janeiro, percebemos uma multiplicidade de usos e experiências urbanas que a tornam única e que promovem esse espaço a uma centralidade urbana no que diz respeito ao lazer na cidade aos domingos.

5. Referências Bibliográficas

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

_____. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. In: **Mana**. Rio de Janeiro: PPGAS (Museu Nacional, UFRJ), vol. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

FRIAS, Renato. **Arranjos espaciais e sistemas de som: um estudo sobre a feira e a sua paisagem sonora**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Instituto de Geociências, UFRJ, 2020.

MAFFESOLI, Michel. O poder dos espaços de representação. In: **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 116, p. 59-70, 1994.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura (coleção biblioteca carioca), 1995.

ROCHA, Ana Luiza C.; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. In: **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 4, n.3, 2003.

_____. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. In: ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornelia (orgs.). **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: A construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 19, n. 39, pp. 41-68, jan./jun. 2013.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.